

Dominique Tilkin Gallois. *Mairi revisitada – a reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral dos Waiãpi.* São Paulo, NHI/USP/FAPESP, 1994, 91 p.

Maria Denise Fajardo Pereira¹
Depto. de Antropologia – USP

Mairi revisitada é um trabalho que amplia e complementa a dissertação de mestrado de Dominique Tilkin Gallois. *Migração, guerra e comércio: os Waiãpi na Guiana* (1986) constitui-se em uma das versões do contato interétnico, baseada na reconstrução histórica do movimento migratório dos Waiãpi do século XVII ao século XIX, a partir de fontes escritas.

Mairi revisitada, em comparação com este trabalho anterior, oferece, complementarmente, uma nova versão do contato: a versão indígena e, neste sentido, constitui-se em uma etno-história Waiãpi.

Mairi representa, na tradição oral deste povo de língua tupi-guarani, habitante da região fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa, “a casa de argila construída pelo herói criador Ianejar, e pelos primeiros homens, para se protegerem do fogo e do dilúvio que, ciclicamente, destroem a humanidade” (p. 17). Oficialmente, ali onde os Waiãpi, em visita à cidade de Macapá, identificaram a casa de argila do herói criador Ianejar, encontra-se a Fortaleza de São José de Macapá, construída no século XVIII.

Interessada em compreender os modos pelos quais os Waiãpi lançam mão de elementos mítico-cosmológicos para dar conta de episódios de sua história de contato, Gallois descarta, decididamente, o recurso à confrontação de fontes escritas e orais. Deste modo, não se trata de levar a termo uma investigação historiográfica que comprove ou invalide tal associação entre mairi e a Fortaleza de Macapá.

O que importa, e o que Gallois consegue demonstrar muito bem no decorrer do livro, é que, do ponto de vista de uma história do contato que privilegie a

versão indígena, mairi possui uma força simbólica indiscutível, na medida em que evoca, para os Waiãpi, o lugar-palco da recriação da humanidade e, com ela, o início de uma trajetória de relacionamentos interétnicos que perduram até hoje. Mairi aciona, portanto, ao mesmo tempo, mito e história.

A autora parte da hipótese de que o discurso waiãpi sobre a mairi permite analisar aspectos de sua auto-representação, bem como compreender a maneira como esta sociedade concilia duas lógicas aparentemente contraditórias: as lógicas mítica e histórica e, a partir daí, “constrói argumentos para orientar, controlar ou modificar o rumo de suas relações com os brancos” (p. 83).

Na base desta hipótese estão praticamente quinze anos de registro sistemático da tradição oral deste povo e, pelo menos, uma década de atividades de assessoria direta na área de educação, controle territorial e implantação de um programa denominado *Vídeo nas Aldeias*. Mairi não é nem poderia ser fruto de uma pesquisa no sentido estrito da palavra, justamente porque as condições de possibilidade do surgimento das narrativas reunidas neste livro foram dadas pelas peculiaridades do trabalho desenvolvido por Gallois entre os Waiãpi: surgiram ao longo de vários anos de pesquisa e em dois contextos diferentes. Primeiro, no final da década de 70, quando realizava apenas a pesquisa voltada para uma produção acadêmica e, a partir dos anos 80, em um contexto marcado pela implementação de programas de intervenção. Segundo Gallois, a implantação destes programas foi sendo digerida pelos Waiãpi através de intensas discussões coletivas e reelaborações em seus argumentos e estratégias de ação frente aos eventos do contato. Deste modo, viu surgir e decidiu registrar tanto as narrativas a respeito de assuntos que nunca tinha ouvido em estadias anteriores, quanto aquelas cujos assuntos já haviam sido tratados em gravações mais antigas.

Interessada em analisar as transformações ocorridas na auto-imagem e na retórica waiãpi a respeito de seu contexto mais amplo de convivência interétnica, Gallois selecionou, no vasto material discursivo que armazenou em 198 fitas áudio, dois eventos que despertaram seu interesse.

Tendo acompanhado as visitas de alguns Waiãpi à Fortaleza de Macapá e a identificação desta com a mairi, Gallois foi instigada a procurar em seus arquivos versões mais antigas sobre o mito de criação e a compará-las com as que havia colhido mais recentemente, durante e após estes encontros.

A autora destaca ainda, neste livro, um episódio posterior ao da identificação da mairi: o encontro, também em Macapá, com um “descendente” dos índios Tukuju, que os Waiãpi consideram um dos sub-grupos formadores de sua etnia. Este episódio, por sua vez, desencadeou uma série de narrativas que, quando comparadas às colhidas antes deste encontro, evidenciam diferenças significativas.

O livro reúne, portanto, dois blocos de narrativas cujo recorte foi guiado pelo interesse em analisar a versão waiãpi de suas diferentes modalidades de contato interétnico. Neste sentido, as narrativas colhidas sobre o encontro com mairi e sobre o encontro com o “descendente” Tukuju se complementam, na medida em que o primeiro permitiu aos Waiãpi tematizar a respeito de sua trajetória de conflitos com os brancos, e o segundo, a respeito de sua história de aproximações e dispersões em relação aos grupos indígenas considerados parentes.

O mais interessante, porém, é que este livro vai além de uma mera análise das representações dos Waiãpi sobre seus relacionamentos interétnicos. O fato de a autora ter acumulado mais de uma década de registros das tradições orais do grupo lhe permitiu realizar aqui uma análise não apenas do modo como, hoje, os Waiãpi interpretam sua trajetória de contatos, mas sobretudo uma história dessas interpretações, ao longo dos últimos anos. Deste modo, ao inserir no livro trechos representativos de relatos sobre determinados episódios, contrapondo diferentes versões, formuladas em épocas e em circunstâncias diferentes, seguidos de comentários explicativos, a autora coloca diante de nossos olhos pistas para entender o modo como os narradores selecionam e estabelecem determinadas correlações entre argumentos míticos e históricos, dando pesos diferenciados a uns e outros, conforme o contexto e a finalidade da transmissão.

Além de se constituir em um trabalho original na linha do que se tem chamado de “história das representações”, cabe ressaltar que *Mairi revisitada* não se destina aos Waiãpi, e este não é um dado banal, antes pelo contrário, é fundamental, porque se trata de uma “versão escrita” de informações que costumam ser transmitidas oralmente, no contexto da cultura waiãpi, com uma dinâmica própria. Deste modo, tal manipulação de repertórios orais só se justifica, na opinião da autora, em função do propósito principal a que se destina, ou seja, de “restituir aspectos da reflexão coletiva empreendida pelos Waiãpi sobre sua situação de contato interétnico” (p.14).

O núcleo principal do livro são as seqüências de narrativas mítico-históricas, seguidas de comentários que visam esclarecer os contextos de enunciação, bem como as variações de interpretações evidenciadas entre eles. Os diferentes informantes, bem como as datas e os contextos das transmissões, como não poderia deixar de ser, aparecem devidamente identificados.

Este núcleo principal, dividido em dois blocos temáticos, um sobre a mairi, e outro sobre os Tukuju, está ancorado em um aporte teórico-metodológico que vai, ao longo dos capítulos, informando o leitor de intenções, escolhas e recortes seguidos nas análises; bem como das diferenças que existem entre uma classificação dos discursos baseada em critérios definidos por teóricos da tradição oral e uma classificação baseada nos critérios dos próprios Waiãpi, para quem, segundo Gallois, os discursos não correspondem a uma subdivisão do tipo relato mítico e relato histórico, pois ambos são concebidos dentro da modalidade genérica de *iane ayvu* - ou seja, “nossa palavra”, “nossa língua”, “nossa história” (p. 21).

Partindo destas e de outras peculiaridades das formas discursivas waiãpi, a autora sobrepõe à classificação nativa uma outra classificação, unicamente para fins de análise, que consiste em duas modalidades de discursos que não configuram gêneros propriamente ditos, mas que podem, efetivamente, ser identificadas no interior das narrativas reunidas nesta coletânea. Trata-se do “discurso-explicação”, que consiste em “especulações circunstanciadas em torno de acontecimentos da história do contato” (p. 18) e do “discurso-ação”, pelo qual os “Waiãpi afirmam sua posição no jogo das relações interétnicas” (p. 18).

E, com efeito, se utilizarmos esta distinção como guia para a leitura dos dois blocos temáticos, veremos claramente que ela está implícita em ambos. O “discurso-explicação” aparece na forma de argumentos políticos através dos quais os Waiãpi visam explicar sua condição de primeiros ocupantes do lugar onde hoje se encontra Macapá, bem como o destino dos “parentes” que se distanciaram e se miscigenaram com os brancos, como ilustram por meio do caso dos Tukuju. E, finalmente, o “discurso-ação” transparece em suas afirmações a respeito da necessidade de defender o que resta de seu antigo domínio territorial, bem como de enfatizar uma aliança entre os “índios” como um todo, em contraposição aos brancos.

Em termos teóricos, Gallois trabalha com um conjunto de abordagens que se complementam perfeitamente, e que vão sendo explicitadas ao longo dos

capítulos, na medida em que surgem as questões pertinentes. Com o intuito de compreender a lógica subjacente à construção das representações sobre o contato, de saída, toma como unidade de análise o evento, enquanto interpretação de um acontecimento, tal como propõe Sahlins (1990).

Mas para que se possa compreender a interpretação de um acontecimento, nada mais fundamental do que levar em consideração o contexto de enunciação da interpretação, na medida em que é exatamente este que irá fazer com que um determinado episódio se torne importante de ser recuperado/interpretado. E é justamente nessa temática específica das condições de produção dos discursos mítico-históricos que Gallois enfoca sua análise, ancorando-se, por um lado, nos vários anos de acompanhamento da conjuntura sociopolítica da situação de contato dos Waiãpi e, por outro lado, em abordagens teóricas como as de Hill (1988) e Taussig (1993), que enfatizam o quanto os desafios vividos no presente influenciam na seleção e interpretação de experiências do passado e o quanto, neste processo, mito e história são conscientemente manipulados com vista ao controle de uma determinada situação.

Nesta mesma linha de pensamento, Gallois recupera em Vansina (1985), alguns argumentos e algumas sugestões metodológicas de abordagem das tradições orais, muito embora este historiador esteja preocupado em realizar exatamente o oposto do que é realizado em *Mairi revisitada*. Vansina, com efeito, chama atenção para o fato de que o passado é sempre interpretado seletivamente e com o filtro cultural da visão que se tem da realidade e do mundo no presente e, além disso, fornece um roteiro memorável de itens que devem ser levados em conta no estudo das tradições orais. Entretanto, seu interesse está justamente em buscar nas fontes orais subsídios para o conhecimento histórico. Neste sentido, se chama atenção para a porção de consciência histórica do presente que contribui no perfil que uma sociedade constrói do seu passado, o faz no sentido de atentar para a necessidade de se depurar os acontecimentos, ou, em outras palavras, transformar os eventos em fatos, despidendo-os das interpretações que os constituem.

Para compreender, no conjunto das falas a que teve acesso, os mecanismos que atuam no sentido de fazer não apenas com que certas representações culturais sejam devidamente repassadas de geração em geração, mas que também determinadas representações mentais (pessoais) se transformem em públicas, tal como acontece com Waiwai, um dos informantes, cuja fala ge-

ralmente convence e acaba sendo incorporada ao domínio público, Gallois lança mão da abordagem de Sperber (1989) a respeito dos mecanismos cognitivos que atuam no processo de reprodução/transformação das representações simbólicas.

Em termos analíticos, *Mairi revisitada* aponta para o modo como conceitos de temporalidade distintos são manipulados em função do peso que se queira dar, seja à lógica mítica (classificatória), seja à lógica histórica (continuidade), e identifica que tais manipulações dependem do contexto da enunciação e estão estreitamente relacionadas às mudanças nas visões dos Waiãpi a respeito do contexto mais amplo de convívio interétnico em que estão inseridos.

Em *Mairi*, portanto, evidenciamos o processo pelo qual uma sociedade sem escrita enfrenta o desenrolar complexo dos fatos do contato e procura administrar ideologicamente os desafios que emergem nessas situações sociais críticas, e compreendemos que a riqueza das formas discursivas, baseadas na oralidade, está justamente em seu potencial manipulativo, uma vez que a transmissão das tradições culturais não depende do aprendizado repetitivo de algo que está congelado em forma escrita, mas de uma evocação que está mais comprometida com o contexto em que se realiza do que com a exatidão do conteúdo rememorado.

NOTA

- 1 Mestranda do programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

SPERBER, D.

- 1989 "L'Etude anthropologique des representations: problèmes et perspectives", in *Les representations sociales*.

HILL, J.

- 1988 "Introduction: myth and history", in *Rethinking history and myth: indigenous South-American perspectives on the past*, University of Illinois Press.

PRICE, R.

1983 *First time: the historical vision of an African-American People*, The John Hopkins University Press.

VANSINA, J.

1985 *Oral tradition and history*, The University of Wisconsin Press.

TAUSSIG, M.

1986 *Shamanism, colonialism and the wild man. A study in terror and healing*, Chicago, The University of Chicago Press.

SAHLINS, M.

1988 *Islas de historia*, Barcelona, Gedisa.